



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

ESCRITAS DE ALFABETIZANDOS DO RIO GRANDE DO NORTE: UM ESTUDO PSICOGENÉTICO

Elan Cavalcante da Fonseca Ferreira, UFRN

Larissy Diniz de Melo, UFRN

Prof. Dra. Maria Estela Costa Holanda Campelo, UFRN

Resumo

O presente trabalho foi desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte para a disciplina de alfabetização e letramento com o intuito de contribuir para o entendimento da Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro. A pesquisa teve como base dados primários e secundários, foram coletadas escritas de 4 crianças para ser feita a análise do nível de escrita desses alunos. Foi possível perceber que o processo de alfabetização é complexo e não há uma padronização da escrita de crianças da mesma idade, cada uma aprende no seu tempo, sendo assim, cabe ao professor entender esse processo para se adaptar ao desenvolvimento das crianças aproveitando ao máximo o aprendizado de cada um.

Palavras-chave: Psicogênese, alfabetização, Letramento.

Introdução

No nosso país, a educação é direito de todos e dever do Estado. Todavia, “o que vem sendo observado, há várias décadas, é que o fracasso escolar, em vez de exceção, tem se tornado a regra do sistema público de educação” (CAMPELO, 2001, p.12). Como têm nos mostrado as estatísticas educacionais mais recentes, no Brasil, o acesso à escola tem avançado bastante, mas a caminhada bem sucedida do aluno na sua escolaridade ainda se apresenta como grande meta a ser buscada e atingida.

Embora a nossa preocupação maior esteja voltada para o descompasso entre a nossa legislação e a real escolaridade dos brasileiros, neste trabalho, fazemos um recorte nos nossos interesses de pesquisa para enfocarmos a alfabetização que, segundo Emilia Ferreiro (1992, p.9), “[...] continua sendo a mais básica de todas as necessidades de aprendizagem”. Sintonizadas com a autora, destacamos que a não aquisição da língua escrita tem sido um dos maiores entraves para o sucesso escolar dos alunos brasileiros, mormente quando o contexto de referência, nesse sentido, é a escola pública.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

O estudo, ora relatado, foi desenvolvido inicialmente no âmbito da disciplina Alfabetização e Letramento I, como parte das atividades que, em 2014.1, objetivavam a formação teórico-prática do aluno do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Ancorada na Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro, como principal referência teórico-metodológica, e orientada pela Professora Maria Estela Campelo (UFRN), a investigação foi realizada com os seguintes objetivos: a) elaborar, testar e aplicar um instrumento de Sondagem Diagnóstica acerca dos níveis de conceptualização da escrita de alfabetizandos da rede de ensino do RN; b) analisar os dados construídos, fundamentando as análises no referido aporte teórico.

Embora o nosso foco de estudo, neste trabalho, seja o diagnóstico psicogenético das escritas de alfabetizandos do nosso Estado, necessário se faz que explicitemos os conceitos de Alfabetização, de Letramento, bem como o que entendemos sobre a prática pedagógica de ‘alfabetizar letrando’. Na nossa compreensão, esse tipo de prática deveria nortear o trabalho do professor alfabetizador nas salas de aula de todas as escolas brasileiras, haja vista as recomendações oficiais da política educacional brasileira (o que não objetivamos discutir neste trabalho, mas exemplificaremos mais adiante, citando a Resolução que compõe as Diretrizes Curriculares Nacionais – documento prescritivo, de caráter mandatório – do ensino fundamental de 9 anos).

Retomando a necessidade de conceituar alguns termos aqui utilizados, convidamos Soares (1985) que, assim, nos explica o que é alfabetização:

Alfabetização [...] é um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. [...] Essas facetas referem-se, fundamentalmente, às perspectivas psicológica, psicolinguística, sociolinguística e propriamente linguística do processo. (SOARES, 1985, p.18). (Grifo nosso).

No que tange ao Letramento, Soares (2000, p. 3) que é “o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive”. (Grifos nossos).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Como podemos perceber, alfabetização e letramento são processos distintos, mas que deveriam ser trabalhados conjuntamente, uma vez que a orientação atual, tanto de estudiosos da área, como dos documentos da política educacional (BRASIL, 2010, por exemplo), é de que as práticas pedagógicas de alfabetização sejam desenvolvidas na perspectiva do letramento.

Nesse sentido, vejamos o que nos orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos, mais especificamente o artigo 30 da Resolução CNE/CEB Nº 7/2010: “Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar: I - **a alfabetização e o letramento**; [...]” (BRASIL, 2010). (Grifos nossos).

Mas, o que significa alfabetizar letrando?

"Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever, levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita" (SOARES, 2000, p.3).

Cumprido, porém, ressaltar que nosso trabalho se limitará a apresentar e discutir diagnósticos de escritas de alfabetizandos, o que poderá se constituir em relevante contribuição para o trabalho do professor alfabetizador que, a partir do conhecimento dos níveis de escrita em que se encontram os seus alfabetizandos, poderá fazer mediações mais pertinentes e pontuais que, certamente, possibilitarão o avanço dos alunos no processo de alfabetização.

Para isto, nada mais atual do que o conhecimento da psicogênese da língua escrita de Emilia Ferreiro e colaboradores, cujos pressupostos têm sido ratificados em diferentes faixas etárias, em diferentes níveis sócio-econômicos e em diversos idiomas.

Metodologia

Realizamos o presente trabalho, com base nas orientações de Campelo (2014, fls. 2 e 3), especificadas a seguir:

PARA A ORGANIZAÇÃO DA LISTA:



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

- Organizar uma pequena LISTA de quatro palavras com as seguintes características: a 1ª palavra deve ser polissílaba; a 2ª trissílaba; a 3ª dissílaba e a 4ª monossílaba;
- Evitar repetição das letras nas palavras da Lista organizada;
- Cuidar para que a frase a ser ditada contenha, pelo menos, uma das palavras da LISTA.

POR OCASIÃO DA COLETA DE ESCRITAS:

- Entregar uma folha de papel em branco a cada participante;
- Solicitar a cada um deles que escreva como sabe os nomes das palavras, à medida que você dita para eles;
- Ditar as palavras sem escandi-las, ou seja, ditá-las sem marcar oralmente as sílabas das palavras, evitando-se a influência do ditado silabado na própria leitura do alfabetizando;
- Pedir que o alfabetizando (individual, separadamente e imediatamente após escrever cada palavra) leia – apontando na escrita – letras, sílabas e/ou palavras – o que deverá ser registrado por você;
- Registrar a escrita e a leitura do alfabetizando e outras informações que considerar relevantes, numa folha à parte;
- Recolher todas as escritas.

E, finalmente, fomos orientadas a analisar comparativamente a produção escrita dos alfabetizando, fundamentando a análise nos estudos da Psicogênese da Língua Escrita, realizados por Emilia Ferreiro e colaboradores.

Em termos da ORGANIZAÇÃO DA LISTA, escolhemos o tema “ANIMAIS” para a referida elaboração, ficando a nossa Lista constituída pelas seguintes palavras e Frase que se seguem: 1 – Cachorro; 2 – Peixe; 3 – Gato; 4 – Rã; 5 – Frase: ‘O gato mia’.

REALIZAÇÃO DA COLETA DE ESCRITAS:



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A lista foi aplicada, individualmente, a 04 crianças na faixa etária entre sete e oito anos; os sujeitos do trabalho eram alunos do segundo e terceiro ano do ensino fundamental das redes de ensino - pública e privada - do Rio Grande do Norte.

A cada uma das crianças, foi entregue uma folha de papel (tamanho ofício) em branco; ali, todas foram orientadas a escrever, como sabiam, cada uma das palavras ditadas, com a intenção de que a escrita apresentada se configurasse como uma “produção espontânea” que, segundo Ferreiro (1985, p.16) “é aquela que o aluno produz, tal como acredita que deveria escrever um conjunto de caracteres para representar uma determinada palavra”. Portanto, a Produção Espontânea é aquela que o aluno produz do jeito que sabe, o que não significa dizer que seja de qualquer jeito. Outra exigência é de que essa produção não seja resultado de cópia - nem atual, nem posterior.

Imediatamente após a produção escrita, pelas crianças, foi solicitado que todas elas, em separado, lessem a própria escrita, apontando no papel cada parte do que estavam lendo.

Após aplicar e receber a produção das crianças, passamos à etapa de análise das escritas conforme os estudos da Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro. Foram analisados dados primários coletados junto aos alunos, bem como dados secundários que serviram para teorizar e fundamentar o artigo.

Nesse sentido, Lüdke e André (1986) dizem que para realizar uma pesquisa, faz-se necessário cruzar os dados, as informações coletadas e o conhecimento teórico sobre o tema; foi este, pois, o processo utilizado para a produção deste artigo.

Análise da produção escrita dos alfabetizados

Foram analisadas quatro escritas, sendo uma escrita de cada criança investigada, salientando-se que todas elas estavam cursando o ensino fundamental, no 2º e 3º ano.

A primeira produção analisada é a de Vitor Luiz, de 7 anos, que cursa o segundo ano em uma escola da rede privada. Considerando a sua produção escrita e a respectiva



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

leitura da mesma pelo próprio autor, ficou evidente que a escrita de Vítor é uma escrita pré-silábica, com diferenciações intra e interfigurais.

As escritas pré-silábicas podem ser subdivididas em: escritas indiferenciadas; escritas diferenciadas intrafiguralmente; e escritas diferenciadas interfiguralmente. Embora cada uma delas apresente suas singularidades, todas têm em comum a característica de evidenciarem a não compreensão do alfabetizando acerca da relação ‘escrita X pauta sonora da palavra’ ou ‘escrita X oralidade’, atributo este que as inclui no grupo das escritas pré-silábicas.

Figura 1 - Escrita de Vítor Luiz

<u>POR</u>	Cachorro
<u>EBIJR</u>	Peixe
<u>RGJTO</u>	Gato
<u>JOBI</u>	Rã
<u>G O B J T</u> <u>Θ B R</u>	O gato mia

Fonte: Escrita coletada em 2014, com orientação da Profª Mª Estela Campelo, por duas alunas do curso de Pedagogia da UFRN: Elan Cavalcante e Larissy Diniz.

A escrita pré-silábica de Vítor é uma escrita bastante avançada, bem próxima, ou no limiar da escrita silábica; apesar de sua escrita ser não-fonetizada, o aluno já manifesta alguns sinais de entendimento acerca da relação escrita/oralidade. Essa compreensão de Vítor está evidente na escrita das palavras ‘peixe’ e ‘gato’, onde ele utiliza algumas letras da escrita formal dessas palavras.



VI FIPED

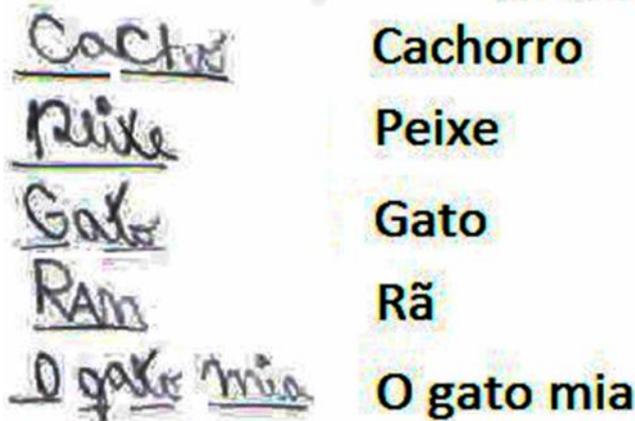
FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Outros achados podem ser destacados na análise da escrita de Vítor:

- a) a construção das hipóteses da quantidade mínima de caracteres e da variedade de caracteres parece estar consolidada; nesse sentido, as palavras grafadas por ele sempre apresentam a quantidade mínima de caracteres (três, quatro letras, no mínimo), tal como tem sido discutido por Emilia Ferreiro, nas suas inúmeras pesquisas. Igualmente, os grafemas utilizados na escrita das palavras não se repetem no interior dessas palavras, nem de uma palavra com relação a outra, ou seja, mesmo que letras iguais sejam utilizadas na escrita de palavras diferentes, a sequência com que são apresentadas não é igual, quando se analisa, comparativamente, uma palavra com relação a outra;
- b) a escrita de Vítor também se caracteriza pela falta de estabilidade, ou seja, o tipo e a sequência de letras que utiliza para grafar palavras iguais apresentam diferenças entre si. Para maior clareza do que estamos explicando, diríamos: Vítor utiliza letras diferentes e sequência de letras diferentes para grafar palavras semelhantes. Vejamos a grafia da palavra ‘GATO’ na lista “**RGITO**” e a escrita da palavra ‘GATO’ na frase “**GOBIT**”, portanto, sem utilizar o artigo definido “**O**”.

Figura 2 – Escrita de Maria Vitória, de 7 anos



Fonte: Escrita coletada em 2014, com orientação da Profª Mª Estela Campelo, por duas alunas do curso de Pedagogia da UFRN: Elan Cavalcante e Larissy Diniz.

A segunda escrita analisada – escrita alfabética não ortográfica – é da aluna Maria Vitória (Figura 2), de 7 anos, que também está no segundo ano. Apesar de ser



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

aluna da mesma sala que Vítor e de ter a mesma idade que ele, Maria Vitória apresenta uma escrita muito mais avançada do que a de Vítor.

Enquanto a escrita de Vítor é uma escrita não-fonetizada, a escrita de Maria Vitória é uma escrita alfabética, portanto, o mais alto nível de escrita fonetizada, ainda que não seja ortográfica.

Segundo Ferreira (1985), a escrita alfabética não ortográfica é o terceiro subnível do 3º período de conceitualização da escrita. Nesse momento, o alfabetizando consegue representar todos os fonemas necessários para a escrita da palavra, porém, desconsiderando as normas ortográficas.

Ao fazer a análise de dois alunos de uma mesma sala de aula, foi possível constatar tamanha diferença nas escritas: a aluna Maria Vitória encontra-se quase alfabetizada; já consegue escrever alfabeticamente, porém com alguns erros ortográficos não muito graves, enquanto o aluno anterior ainda apresenta muitas dificuldades para a compreensão dos princípios de construção do Sistema de Notação Alfabética (SNA).

Partindo dessa análise, fica a nossa reflexão sobre o desafio pelo qual o professor passa em sala de aula, tendo que adequar o seu trabalho às necessidades de ensino de cada aluno.

As próximas escritas são de alunos de uma escola da rede pública de ensino.

A produção escrita da **Figura 3** é do aluno João Pedro que tem 7 anos e está no terceiro ano do ensino fundamental. Foi possível notar que, apesar de estar um nível de ensino à frente da aluna anterior, a escrita de João Pedro está um pouco mais atrasada.

Figura 3 - Escrita de João Pedro, 7 anos



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

<u>CARRA</u>	Cachorro
<u>PEXE</u>	Peixe
<u>GATO</u>	Gato
<u>RA</u>	Rã
<u>UGATOMIA</u>	O gato mia

JOÃO PEDRO 7 anos 3º ano

Fonte: Escrita coletada em 2014, com orientação da Profª Mª Estela Campelo, por duas alunas do curso de Pedagogia da UFRN: Elan Cavalcante e Larissy Diniz.

É notável que João Pedro também está no nível de escrita alfabético não ortográfico, porém, não tão avançado quanto a aluna anterior. Diferentemente de Maria Vitória, João Pedro demonstrou certa dificuldade para escrever as palavras que foram ditadas. Todavia, mesmo sem escrever ortograficamente, ao ler o que escreveu, João Pedro o fez com segurança, demonstrando clareza acerca do trabalho que estava realizando.

A quarta escrita é do aluno Victor de 7 anos, que está no segundo ano e também estuda em uma escola da rede pública de ensino.

Figura 4 - Escrita de Victor, 7 anos

<u>CA</u> <u>G</u> <u>O</u>	Cachorro
<u>PE</u> <u>L</u>	Peixe
<u>CA</u> <u>T</u> <u>O</u>	Gato
<u>SA</u>	Rã
<u>CA</u> <u>T</u> <u>O</u> <u>IA</u>	O gato mia
VICTOR 7 anos 2º ano	



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Fonte: Escrita coletada em 2014, com orientação da Prof^a M^a Estela Campelo, por duas alunas do curso de Pedagogia da UFRN: Elan Cavalcante e Larissy Diniz.

Ao analisar a escrita de Victor, é possível perceber que ele está no subnível 2, do período de fonetização da escrita, que é o silábico-alfabético, com a escrita do mesmo nome. “A escrita silábica-alfabética é um momento de transição, em que a criança, sem abandonar a hipótese anterior [a hipótese silábica], ensaia em alguns segmentos a análise da escrita em termos dos fonemas (escrita alfabética)”. (AZENHA, 2003, p.82).

Examinemos a produção de Victor, de forma mais detalhada, mostrando o uso simultâneo das hipóteses silábica e alfabética na escrita das palavras:

- na escrita da palavra CACHORRO, ele grafa “CA” para CA, o que o faz alfabeticamente; as demais sílabas – CHOR e RO – são grafadas de forma silábica, portanto, “G” para CHOR e “O” para RO;
- na escrita da palavra PEIXE, ele grafa “PE” para PEI, o que o faz alfabeticamente; a segunda sílaba – XE – foi grafada de forma silábica, portanto, “I” para XE;
- na escrita da palavra GATO, ele grafa “CA” para GA; e “TO” para TO, produzindo a escrita da palavra GATO, como um todo, de forma alfabética;
- na escrita da palavra RÃ, ele grafa “SA” para RÃ; produzindo a escrita da palavra RÃ, como um todo, de forma alfabética não-ortográfica;
- na escrita da frase ‘O GATO MIA’, ele grafa “CATO” para GATO e “IA” para MIA, formando assim "Gato Mia", deixando de fora o artigo definido "O".

É importante ressaltar que Victor já se encontra no limiar da escrita alfabética, além de uma notória estabilidade na sua escrita. A palavra GATO foi grafada de forma semelhante, uma vez que, tanto na lista quanto na frase, escreveu “CATO” – nesse caso, uma escrita alfabética não ortográfica.

Após a análise dos dados, provenientes desta pesquisa realizada entre alunos que frequentam a rede pública e particular de ensino do Rio Grande do Norte, surgem duas principais inquietudes frente aos resultados.

Primeiro, é chamada a nossa atenção para a diferença entre os níveis de escrita dos alfabetizando que estão cursando o mesmo nível de ensino, seja na mesma escola ou não; e segundo, a diferença entre o nível de escrita dos alfabetizando que estão na rede



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

pública e privada de ensino, ficou evidente que a aluna com a escrita mais avançada pertence à rede privada. É importante ressaltar que ela escreve de forma mais refinada que o aluno que se encontra num nível de ensino à frente, sendo que ela está no 2º nível de ensino da escola privada e ele no 3º nível de ensino da escola pública.

Considerações Finais

Com a construção deste artigo, foi possível compreender a importância do estudo da Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro, um assunto bastante complexo, difícil de ser entendido e que exige certa utilização na prática, para ser melhor compreendido.

Ademais, é inconcebível que coordenadores pedagógicos e professores ignorem este referencial teórico, porque “Na atualidade, especialmente na América Latina, nenhuma discussão sobre a alfabetização se fará completa sem uma referência às descobertas psicogenéticas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky sobre o processo de aquisição da língua escrita” (CAMPELO, 2011. p.1).

A experiência que vivenciamos de construir uma lista de palavras, aplicar aos alunos e analisar os dados coletados, uniu a teoria estudada em sala de aula (e fora dela) à prática, facilitando o aprendizado dessa temática, no que tange ao referido conteúdo programático.

Foi possível entender que o processo de alfabetização é complexo e que cada criança aprende em seu tempo; sendo assim, não dá para tentar enquadrar todas as crianças, dividindo por faixa etária, pois alunos da mesma idade podem ter níveis de escritas diferentes. Todavia, vale salientar que o (in)sucesso do aluno na alfabetização tem múltiplas determinações e, dentre os fatores determinantes, a qualidade da mediação docente pode ser um relevante diferencial. Nesse sentido, o conhecimento do aporte psicogenético de construção da língua escrita, pelo professor, poderá potencializar esse diferencial, qualificando positivamente a mediação docente e a consequente aprendizagem dos alunos.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Referências

AZENHA, M. da G. **Construtivismo**: de Piaget a Emilia Ferreiro. 7ª.ed. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios, 235).

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. Resolução CNE/CEB Nº 07/2010, de 14 de dezembro de 2010.

CAMPELO, M. E. C. H. **Alfabetizar Crianças**: um Ofício, Múltiplos Saberes. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal: UFRN, 2001.

_____. **A Apropriação da Escrita pelas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental**: a Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro. Natal: UFRN, 2011.

_____. **Coleta de Escritas de Alfabetizandos**: Estudos Psicogenéticos. Natal: UFRN, 2014. 05 fls.

FERREIRO, E. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. In: _____. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985, p. 9-41. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 17).

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização. In: _____. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2003, p.13-25.

_____. **Letrar é mais que Alfabetizar**. Jornal do Brasil. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-lettrar/lecto-escrita/artigos/letrar%20%C3%A9%20mais%20que%20alfabetizar.pdf>>. Acesso em: 10/05/2014.